

ENRIQUE VILA-MATAS

FILHOS SEM FILHOS

*tradução*

JOSÉ AGOSTINHO BAPTISTA

ASSÍRIO & ALVIM

OS DE BAIXO  
(Sa Ràpita, 1992)

Tenho onze filhos, dois gatos, um cão, três peixes, dois coelhos e um papagaio. Com as crianças as coisas estão muito bem, mas com os animais — um capricho da minha santa esposa — tenho problemas.

Acabo de fazer 41 anos. A maturidade, suporto-a o melhor que posso. Acredito em muito poucas coisas. Acho que a felicidade consiste na descoberta de que o chão sobre o qual estamos não pode ser maior do que aquilo que os nossos pés cobrem. Heraclito disse-o de outra maneira: o sol tem a dimensão do pé de um homem.

Acabo de fazer 41 anos, e aqui estou eu agora, de pé, à sombra da palmeira desta casa de todos os verões, frente à ilha de Cabrera, a olhar o mar. Escuto o rumor da ondulação, os meus filhos mais novos brincam no pátio das traseiras da casa, hoje acabei o meu livro. No chão do meu estúdio jazem os meus manuscritos como filhos atrozmente abandonados pelo pai e pela mãe.

O livro está terminado e o leitor terá sobre ele a última palavra, mas entretanto parece-me que, entre outras coisas, escrevi, sem me dar conta, uma Breve e Heterodoxa História de Espanha dos últimos quarenta e um anos. Uma história em que este país aparece sobretudo como terra baldia e deserdada, sem muito futuro, quase erma, morta para a graça da vida, até ao ponto de vermos aparecer no livro a sombra disso que Guillén, em carta a Salinas, chamou «a realidade modesta de Espanha».

Essa realidade modesta sintoniza às vezes com o espírito da *Breve História do Mundo* que escreveu H.G. Wells e na qual, por exemplo,

o «fenómeno» cristianismo aparece condensado e clarificado em poucas páginas melhores do que os muitos volumes de Renan; um livro de Wells em que os supostos grandes acontecimentos e as mais célebres personagens são reduzidas à sua justa estatura e situadas — com enorme garbo — no lugar que merecem.

Também no meu livro reduzi a importância de tanto acontecimento histórico e de tanta personazinha irrelevante. Quando, por exemplo, se produz uma notícia de primeiro plano, os fantasmas ambulantes que protagonizam os meus episódios nacionais veem-na como uma ingerência nas nossas vidas e ficam à espera — como já o fizera Kafka — que chegue a tarde, e então vão nadar. Como se vê, eles também situam ao mesmo nível o plano histórico e o pessoal. Todos são filhos sem filhos e a sua conduta, na maioria dos casos, faz lembrar esses seres aos quais a sua própria natureza os afasta da sociedade; seres que, ao contrário do que se possa supor, não precisam que ninguém os defenda pois, sendo obscuros, a incompreensão não os pode tomar como alvo; seres que também não precisam de ser reconfortados, porque se querem continuar a ser a sério só podem alimentar-se de si próprios, de maneira que não os podemos ajudar sem lhes causar dano.

Todos estes seres invadiram o meu livro e acrescentaram maiores preocupações às que já tenho como pai de numerosa família. Entre todos compõem uma Antologia de cidadãos anónimos, fantasmas ambulantes, pobres pessoas e outros génios da natação. Para muitos deles, a História com maiúsculas, os seus grandes protagonistas e os acontecimentos solenes têm uma incidência muito oblíqua nas suas difíceis e casuais vidas, pois, para além de estarem muito ocupados com os seus problemas pessoais, inventaram uma espécie de indiferença distante que lhes permite não estarem ligados à realidade a não ser por um fio invisível, como o da aranha.

Alguns deles são como esse meu amigo que, passeando em Paris, me agarrou o braço de repente depois de ver na vala de uma construção um cartaz que convidava a um comício e começava dizendo: «Isabel Allende dirige-se a nós...» A nós!, exclamou indignado. Voltou-se e cuspiu. Gentilha!, disse. Pouco depois, ao passar diante de um quiosque de jornais, leu que as tropas turcas invasoras de Chipre tinham entrado em Nicósia, a capital. Avizinhava-se a guerra. Que lata, disse o meu amigo. É que via tudo como uma ingerência na sua vida.

Alguns deles são como esse exilado russo de quem Nina Berberova nos diz que passou dois anos em prisões nazis e no momento de recuperar a liberdade não pensava senão em que *lhe devolvessem os atacadores dos seus sapatos*, pois se assim não fosse ver-se-ia obrigado a andar na rua com os sapatos desatados e a segurar as calças, porque também não lhe tinham devolvido o cinto e, como emagrecera muito na prisão, temia que as calças lhe caíssem. Isto era o que ocupava os seus pensamentos e não coisas teoricamente mais importantes como a ideia de que finalmente estava em liberdade.

O livro contém 41 breves passagens — 41 eram os anos de Kafka quando morreu no sanatório de Kierling, hoje um edifício de andares modestos que há pouco tempo visitei — nas quais de maneira consciente aludo à vida, à obra ou à cidade do escritor checo, do filho sem filhos por excelência. O leitor poderá, se assim o desejar, tentar descobrir as citações, mas em nenhum momento o desdém ou a incapacidade de reconhecê-las deverá ser entendido como uma limitação para a sua leitura, pois no fim de contas — não sou um escritor kafkiano, ele não deixou filhos — essas citações são lúdicas e arbitrárias, puro jogo e complemento, embora, isso sim, às vezes as tenha visto encaixar paradoxalmente, com a rigorosa e enigmática precisão de um autómato de Praga, na narrativa das difíceis existências *dos de*

*baixo* — assim chamava aos marginalizados dos seus contos o realista checo Jan Neruda —, isto é, de todos quantos viajam na minha caravana de fantasmas ambulantes, cidadãos anónimos, homens de sapatos desatados, pobres pessoas e outros génios da natação.

Contemplo ao longe a misteriosa silhueta da ilha de Cabrera. Os meus filhos mais novos brincam no curral, como aqui chamamos ao pátio traseiro da casa. Na cozinha o papagaio repete a sua velha cantilena de todos os dias a esta hora. «Amo-te, Rita», diz. É o que a minha mulher lhe ensinou a dizer há onze anos. Sinto-me bem, acabei o meu livro. Digo a mim próprio que para fugir à arbitrariedade da existência, às vezes — como me aconteceu com este livro — preciso de impor-me regras mais rigorosas, embora, por sua vez, essas regras sejam também arbitrárias. Poderá sempre pensar-se que ao impor a mim próprio, ao longo de todo o livro, a regra de combinar a minha pálida biografia e um mundo imaginário de filhos sem filhos com certa atmosfera livresca e checa e a cor algo desbotada de umas vistas da história de Espanha dos últimos quarenta e um anos é, no mínimo, ter apostado por uma associação um pouco arbitrária. Mas parece-me que dessa combinação surgiu uma realidade rigorosa — essa grande verdade que as mentiras contam —, diferente da oficial e possivelmente única. No fim de contas, o que somos, o que é cada um de nós senão uma combinatória, diferente e única, de experiência, de leituras, de imaginações?